

atrás se disse, na Rodésia do Norte, o fosse em Angola ou em Moçambique, mas muito especialmente em Angola.

Há numerosas descobertas de estações pré-históricas em Angola feitas pelo Eng.º Fernando Mouta, pelo Eng.º Janmart antigo chefe dos serviços de prospecção da Companhia dos Diamantes de Angola, por Camarate França, o descobridor de importantes restos de Primatas e de valiosas estações de arte rupestre, por A. Redinha, que, ao serviço da Companhia de Diamantes de Angola, descobriu várias e interessantes gravuras rupestres na região da Lunda, e pelo Prof. Dr. António de Almeida, chefe da Missão Antropobiológica de Angola que fez numerosos e importantes achados de estações pré-históricas. As descobertas destes investigadores formam já um valioso conjunto, que bem justifica a realização em Luanda dum Congresso Pan-africano de Pré-história.

Se isso vier a suceder teremos ensejo de mostrar ao mundo culto que ao nosso Governo não tem deixado de merecer atenção o estudo destes problemas, pois que há anos foram criadas, e vêm trabalhando, as 3 Missões Antropológicas, de Moçambique, da Guiné e de Angola, todas com descobertas no campo da pré-história. E mais ainda, os referidos investigadores da pré-história de Angola terão ocasião de marcar uma posição de relevo não só pela vastidão e importância das suas descobertas, algumas verdadeiramente notáveis, como, certamente, pela maneira como elaborarão os seus trabalhos.

Ao terminar esta notícia não quero deixar de, mais uma vez, testemunhar o meu reconhecimento a Sua Excelência o Sr. Comandante Sarmiento Rodrigues, ilustre ministro do Ultramar, por me ter conferido o honroso encargo de chefe da delegação portuguesa ao II Congresso Pan-africano de Pré-história, que, não só pelo número e qualidade dos trabalhos apresentados como também pelas frutuosas excursões de estudo, se pode classificar excelente.

SANTOS JÚNIOR.

O Esconderijo de Moreira (Monção)

Elementos para a cronologia dos machados de bronze
de talão e duplo anel

Em Novembro de 1945 tive de ir a Monção para obter elementos sobre a descoberta duma ara romana, havia pouco, nuns terrenos da margem esquerda do Rio Minho. Então, o meu guia

local, Sr. Cunha Aragão, mostrou-me um machado de bronze, de talão e duplo anel que, conjuntamente com outros, apparecera nos arredores.

Prestou-me maiores esclarecimentos o Dr. Providência e Costa, que disse terem sido encontrados os machados em Moreira, freguesia confinante da Brejoeira, ao levantar-se um muro de vedação, na bouça da Catelinha, pertencente ao Sr. Manuel Cerqueira, bouça posteriormente transformada em lavradio e onde foi construída uma moradia.

Na surriba, surgiram intactos 18 machados, de bronze, de talão e duplo anel, juntamente com fragmentos doutros dois. Formavam uma pilha que escondida estava junto a um velho muro, semi-enterrado, então existente na citada bouça. Conjuntamente com os machados appareceram outros restos e objectos de bronze, a saber:

- 1 fíbula de bronze, de longo travessão, sem. o fusilhão.
- 2 arcos de fíbula, do tipo de Santa Luzia, às quais faltava o alfinete e o apêndice caudal, apenas no pé se divisa a goteira da espera.
- 1 arco de fíbula em sanguessuga.
- 1 fivela anular de bronze, sem fusilhão.
- 1 lâmina de bronze, que não vi por ter sido remetida para Coimbra, e que disseram poder ser uma pulseira. Teria a sua ornamentação em vasado e assemelhando-se a um coração.

Vários outros fragmentos inclassificáveis.

Ao pé dos machados foram recolhidos vários restos cerâmicos, de paredes grossas, laborados ao torno e semelhantes a outros encontrados nos nossos povoados castrejos.

Perto desta bouça da Catelinha, a uma escassa dezena de metros, dá-se a confluência de dois caminhos velhos, que me informaram corresponderem a duas vias romanas. Uma delas viria da Lapela, atravessava o Gadanha, por Pinheiros, entroncando aqui com a outra vinda de Monção. Há também nas proximidades os topónimos: Penedo da Vila; Cimo de Vila; e Fundo de Vila, como igualmente existem os lugares da Cividade, Cidade e Cristelo.

Os machados

Os 20 machados de talão e duplo anel podem agrupar-se em dois tipos. Um deles constituído por dezasseis exemplares íntegros

e fragmentos de outros dois. São muito semelhantes aos encontrados em Vilar de Mouros (1), Carpinteira (2), Ganfei (3), Vila Chã (4), e por isso incluo-os no TIPO MINHO que formei com os machados de duplo anel, e sem caneluras no gume, de secção hexagonal.

O protótipo destes machados, de duplo anel — curioso pelo próximo parentesco do seu gume com o de certos machados

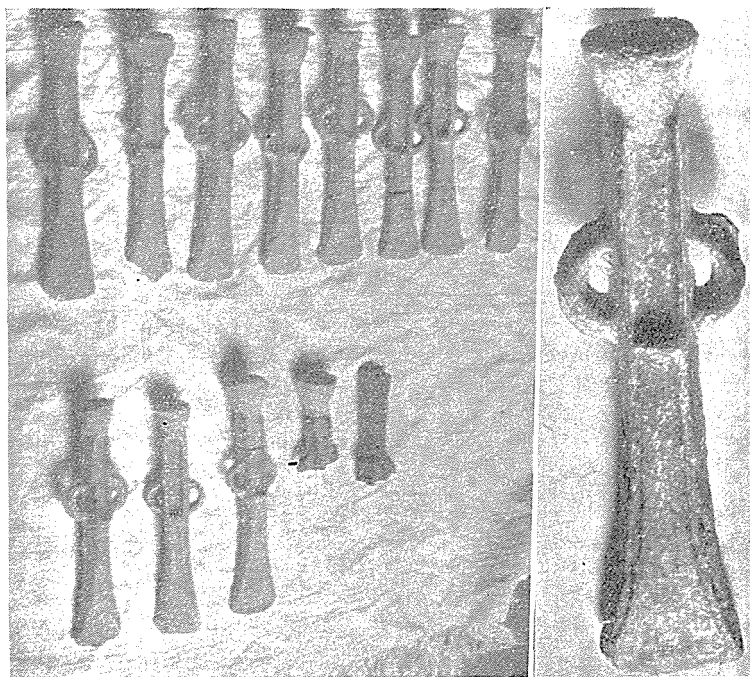


Fig. 1 — Machados do tipo do MINHO, de dupla asa

de alvado — (Louro e Chaves) — não apresenta no gume as caneluras habituais, antes um forte biselado côncavo, perto das arestas. Resulta disto apresentar o gume uma secção próxima dum hexágono.

Todos eles mostravam não terem servido, pois conservavam intactas as rebarbas de fundição; o cabeça ou infundíbulo estava cheio de escória e outros materiais terrosos, fortemente impregnados de carbonatos de cobre. O fio do gume não revelava qual-

quer preparação: não tinham sido amolados, não acusavam qualquer indício de uso:

A sua moldagem resultou bastante assimétrica e não deve ser só resultado dum mau ajustamento do molde, mas, talvez, do emprego de valvas de moldes diversos. O comprimento anda à volta de 25 cms. e o seu peso oscila entre 1.000 a 1.200 grs.

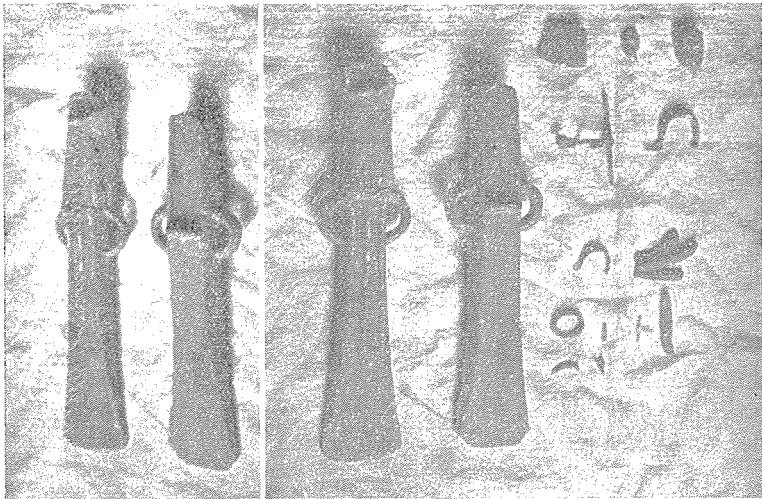


Fig. 2 — Machados de dupla asa e dupla canelura no talão. No primeiro da direita podemos ver a forma como foi soldado (anverso e reverso). Ao lado colocaram-se as fibulas que foram encontradas junto dos machados.

Do outro tipo só constavam dois machados: Exemplos também de duplo anel, mas com a secção do gume rectangular, ou hexagonal, porém com dupla canelura.

Podemos compará-los com alguns exemplares de Veatodos, da Carpinteira e de Barcelos (5). Nenhum destes tem infundíbulo.

Um dos machados deste tipo, com a dupla canelura mais profunda e sem infundíbulo, apresenta uma particularidade digna de registo, dado ser um caso bastante invulgar, para mim é o primeiro que observe: A espera do machado foi consertada e revestida, a quente, por nova adição de metal fundido. Podemos dizer ter sido soldado duma maneira muito particular. O talão da espera foi envolvido por uma nova camada de bronze, masca-

rando, na quase totalidade, o primitivo talão, fazendo desaparecer todo o cavado da espera. As escorrências do metal, adicionado de novo, chegam aos anéis. Pesam mais de 1.000 grs. e o seu comprimento aproxima-se dos 23 cms. Apresentam o gume afiado e pelas rebarbas do topo da espera mostram ter uso.

Entre os objectos metálicos que apareceram associados aos machados destaco, pelo seu valor cronológico, as quatro fíbulas já mencionadas.

As fíbulas

Três delas estão reduzidas a simples *arcos*, faltam-lhes os *fusilhões* e os *apêndices caudais*.

Destas, duas pertencem ao tipo de SANTA LUZIA, de José Fortes (6), de arco em U, dando, quando em projecção, as linhas periféricas da folha de oliveira, decoradas com nervuras ou sulcos longitudinais. Nestes exemplares, que são considerados como evolução da fíbula de tipo de SABROSO, o arco não continua já na mola espiraliforme. Termina nesse lado em um anel, verosimilmente destinado a segurar o travessão articulado, originando uma *charneira*. Na outra haste do U vemos a tal expansão lateral, cavada em goteira, que servia de descanso e presa ao *fusilhão*. Acerca do *apêndice caudal* nada podemos dizer por faltar em ambos os exemplares.

Fíbulas deste tipo são vulgares nos nossos povoados castrejos: Cidade de Santa Luzia, Cidade de Bagunte, Cidade de Terroso, Citânia de Briteiros, etc.

Numa variante do tipo Sabrosino podemos incluir o arco de fíbula em sanguessuga, de aspecto fusiforme e funicular que também encontramos no espólio de esconderijo de Moreira. Faltava-lhe igualmente o *fusilhão*, porém divisamos o arranque duma das espiras que o prendiam ao arco.

A última fíbula pode, sem dúvida, ser incluída nas de tipo de LONGO TRAVESSÃO, sem espiras. Não lhe falta o longo travessão, a haste transversal, de aspecto cilíndrico que substitui a mola em espiral, peculiar no tipo de Sabroso. Tem esta fíbula a característica projecção ortogonal de um T.

O travessão que tem um aspecto laminiforme, articula-se por uma charneira. O *arco* é na mesma em U e o *pé* ou *apêndice caudal* termina por um botão.

Não referimos o bracelete ou pulseira por o não termos visto. Os outros fragmentos são inclassificáveis.

Cronologia

Vemos que, com o conjunto de machados de bronze, de talão e duplo anel, nos aparecem quatro fíbulas que podemos considerar como pertencentes a diferentes fases da evolução dum mesmo tipo.

O tipo de fíbula mais peculiar à nossa cultura castreja, do Noroeste Peninsular, é o que nos apresenta um apêndice comprido e levantado, que em raras ocasiões se inclina levemente para o arco e que devemos considerar como derivado da forma Itálica de *La Certosa* (7).

Estas fíbulas de *La Certosa*, originaram as múltiplas variedades pertinentes a *la Têne I*, e entre nós podem ser agrupadas nos tipos: Sabroso e Santa Luzia. Estes nossos tipos perduram largamente, pois os vamos encontrar nas necrópoles do Monte Mõsinho e de Gulpilhães (8), situadas cronològicamente nos séculos III e IV da nossa era; perduração demonstrativa da larga preferência, — sem dúvida pelo carácter conservador da população —, que sempre logrou entre nós este tipo de fíbula.

A fíbula de *Longo travessão* é um elemento local da evolução de outra espécie Itálica, caracterizada por ostentar, em vez da mola bilateral, um travessão maciço, que forma um corpo com o resto do objecto; por vezes é oco e então aloja, no seu interior, uma haste de ferro ou madeira (9), como ocorre nos exemplos de Guifões (10) e de Cameixa (11).

O tipo de *Longo travessão* é vulgaríssimo nos povoados do Noroeste, como o denota o seu achado em Guifões, Vilar de Mouros, Briteiros, Sabroso, Cameixa, etc., e representa, evidentemente, o primeiro sinal da influência romana, que introduz, na nossa área cultural um elemento novo, que, a julgar pelos numerosos achados, deve ter tido um bom acolhimento.

Colocam-se, geralmente, estas fíbulas no século I anterior à nossa era, porém a recolha duma delas no nível II de Cameixa, três níveis antes daquele em que aparecem as primeiras cabanas de pedra e os primeiros moinhos circulares, faz suspeitar a Cuevillas (12) que a data destes objectos pode ser anterior, e talvez devamos colocar a sua introdução nas nossas terras, nas proximidades da época em que ocorreu a expedição de Décimo Júnio Bruto, 137 a. C., pois esta foi que provocou o primeiro contacto entre as tribos calaicas e a civilização romana.

A admitirmos que o detentor dos machados os não tinha achado por obra do acaso e que eram produtos correntes, quando adrede os escondeu, encontramos pela vez primeira um testemunho que nos comprova o uso destes utensílios desde o Bronze III

(final) até aos tempos imediatamente posteriores à conquista romana, correspondentes, entre nós a *la Tène III*.

É mais um testemunho do conservadorismo das nossas populações castrejas que, através das influências mediterrâneas, do norte e do centro da Europa, conseguiram vincar uma personalidade ainda pouco estudada.

F. RUSSELL CORTEZ.

Centro de Estudos de Etnologia Peninsular,
Universidade do Porto, Agosto, 1952.

NOTAS

- (1) Fernando Russell Cortez — *Machados e outros objectos de bronze*. «Catálogo do Museu Nacional de Soares dos Reis», pág. 77, ss. Porto, 1946.
- (2) *Aut. e op. cit.*, pág. 65, ss.
- (3) *Idem, idem*, pág. 55, ss.
- (4) J. A. Vieira — *O Minho Pictoresco*, vol. II, pág. 199. Lisboa, 1886.
- (5) F. Russell Cortez — *Op. cit.*, pág. 65, ss. n.º 221; pág. 39, ss. n.ºs 203 e 209; pág. 33, n.º 200.
- (6) José Fortes — *As fibulas do Noroeste da Península*. «Portugalia», vol. II, pág. 19. Porto, 1905.
- (7) Florentino López Cuevillas — *Las fibulas castreñas y su significado etnológico*. «Cuadernos de Estudios Gallegos», XV. 1950.
- (8) José de Pinho — *A necrópole calaico-romana de Mòsinho*. Penafiel, 1931. — A. A. Mendes Corrêa — *Os Povos primitivos da Lusitânia*, pág. 255. Porto, 1924.
- (9) Florentino López Cuevillas — *Op. cit.*, pág. 17.
- (10) José Fortes — *Op. cit.*
- (11) F. L. Cuevillas — *Notas arqueológicas de castro de Cameixa*. «Rev. de Guimarães», vol. LVIII.
- (12) *Aut. e op. cit.*, em pág. 17.

Um «Decálogo» para a cronologia dos tempos Romanos

Quando procedemos a qualquer escavação de ruínas, pertinentes ao período do domínio romano ou aos tempos hispano-romanos, devemos sempre procurar delimitar, com segurança, níveis estratigráficos de forma a estabelecermos uma cronologia defensável e que esteja de acordo com os resultados a que chegaram os arqueólogos anglo-saxónicos ou do norte de Itália.

Só assim os estudos da Arqueologia Clássica poderão lograr maior desenvolvimento.